RELATÓRIO Pista :: Fórum Cultura > Festivais, Plataformas e Internacionalização

Alkantara, 16 de Setembro de 2019

Mediação e relatório a cargo de Catarina Saraiva

Vários agentes independentes têm produzido, por iniciativa própria, contextos que pretendem promover internacionalmente a criação portuguesa: consistem em festivais, plataformas, semanas de programadores que têm como público-alvo em exclusivo ou de uma forma importante profissionais de programação.
Até que ponto estes contextos aumentam o tempo de vida de um espetáculo e projetam criadores que neles participam? Como são pensados e organizados? De que forma servem criadores e programadores? Qual o significado, vícios, frustações e potências que lhes estão aliadas?
Estas são algumas das perguntas que foram lançadas e debatidas com programadores e artistas convidados, numa tentativa de avaliar se estes são os caminhos corretos para promover a criação cénica nacional no estrangeiro.

Fase de preparação

Para a realização deste debate foram desenvolvidos 3 questionários dirigidos a 3 públicos distintos e com objetivos diferenciados.

Primeiro questionário: dirigido a organizações portuguesas que produzem iniciativas que permitem a visibilização internacional da criação portuguesa de artes performativas, especificamente festivais e plataformas que têm como público preferencial ou de relevância, programadores. Pretendia-se fazer um levantamento - não exaustivo - sobre as opções das equipas de programação na realização destas iniciativas.
Foram enviados 14 questionários aos quais responderam somente 2 estruturas, pelo que não se desenvolveu uma análise das respostas por falta de representatividade.

Segundo questionário: dirigido a profissionais das artes, portugueses e estrangeiros, que têm estado presente em festivais, plataformas e semana de programadores em Portugal, pelo menos nos últimos dois anos.

Este breve questionário tinha como objetivo fazer um levantamento - não exaustivo - sobre as opções das equipas de programação na seleção de artistas e obras para as suas programações.
Enviado a cerca de 150 programadores, com uma taxa de resposta de 25%.

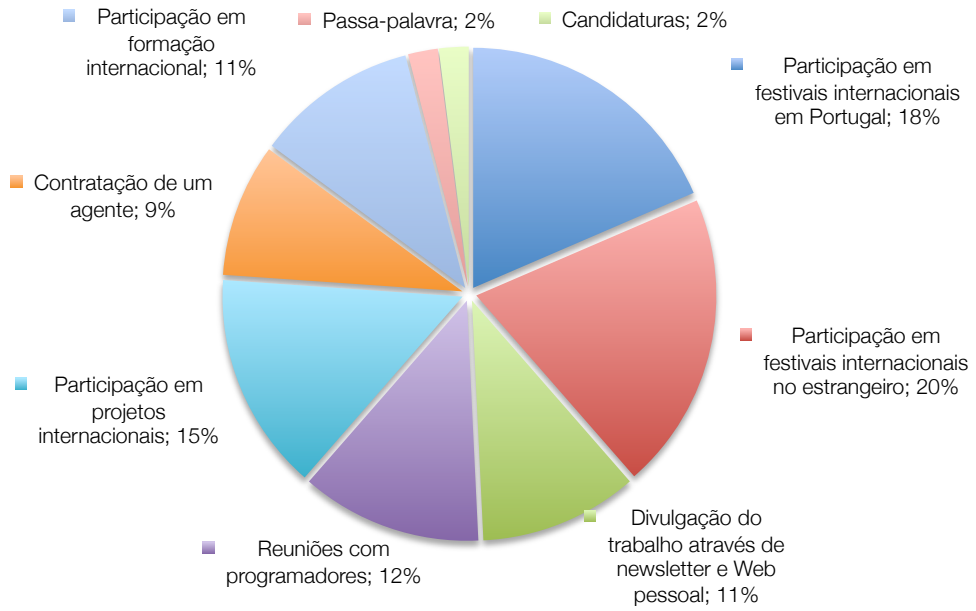
Terceiro questionário: dirigido a artistas e produtores de artistas portugueses, com o objetivo de fazer um levantamento – não exaustivo – das opções estratégicas para internacionalizar o seu trabalho.
Enviado a cerca de 50 artistas e estruturas de produção de artistas, com uma taxa de resposta de 20%.

Questionários e debate

Neste relatório, cruza-se a informação dada pelos resultados dos questionários e a que foi recolhida durante o debate, de forma a poder chegar a conclusões ou pistas que permitam entender de que forma estas plataformas e festivais podem apoiar a internacionalização de artistas e criação nacional ou se existem outras indicações que possam ser importantes para esse objetivo.

É um facto que para os artistas, os festivais de cariz internacional são as formas mais eficazes de internacionalização das suas obras mas não menos importante é a participação em projetos internacionais, tal como se pode constatar pelo Gráfico 1. Eficaz também para a internacionalização são as conversas/reuniões com programadores mas também a divulgação digital própria e que não deve ser menosprezada, tal como se pode ver pelas ferramentas preferenciais que os programadores utilizam para conhecer obras e artistas (Gráfico 2).

Gráfico 1. Forma mais eficaz de internacionalização do trabalho artístico para artistas

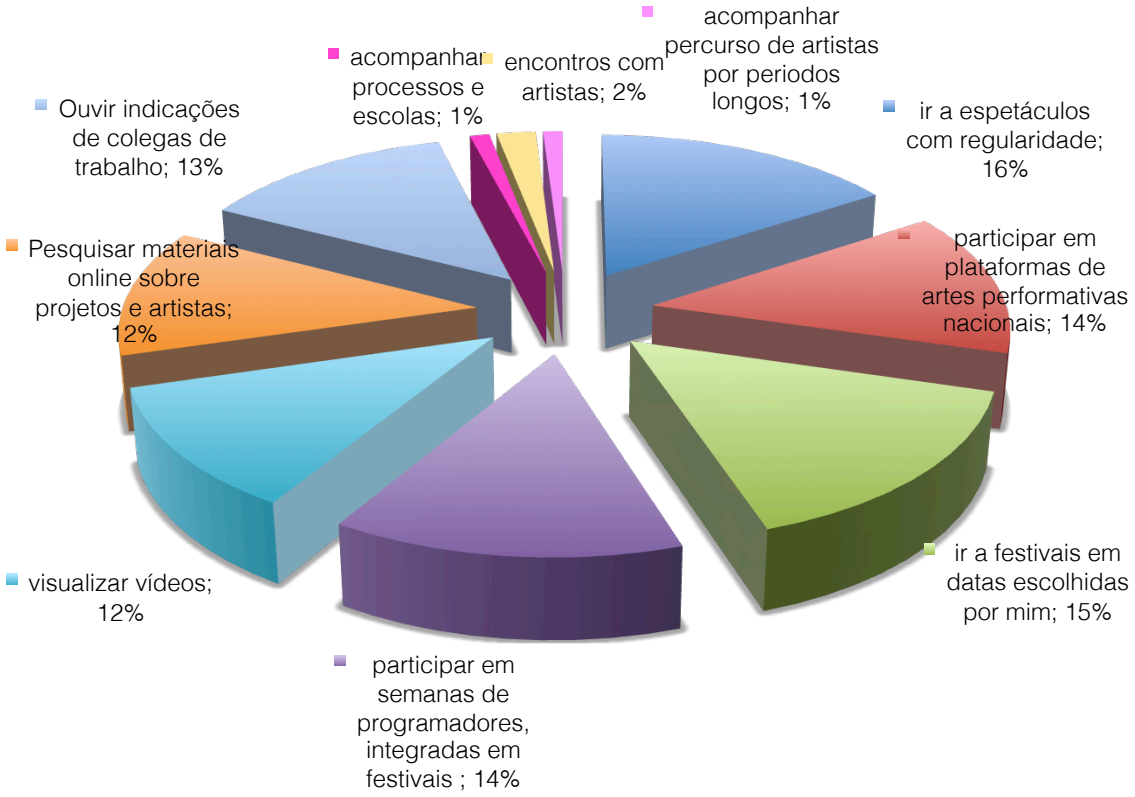


Durante o debate foi confirmado, por parte dos artistas, que estas iniciativas permitem a visibilização das suas obras mas foi referido que não são suficientes para desenvolver a sua internacionalização se não existir um trabalho a posteriori. Tal como foi constatado durante o debate, esta é uma das grandes preocupações por parte dos artistas e organizadores destas iniciativas.

Mencionou-se o papel importante das redes internacionais para internacionalização de artistas mas a necessidade de uma boa equipa que acompanhe o seu trabalho, caso contrário, estas oportunidades são pouco desenvolvidas e, muitas vezes, não atingem os objetivos esperados.

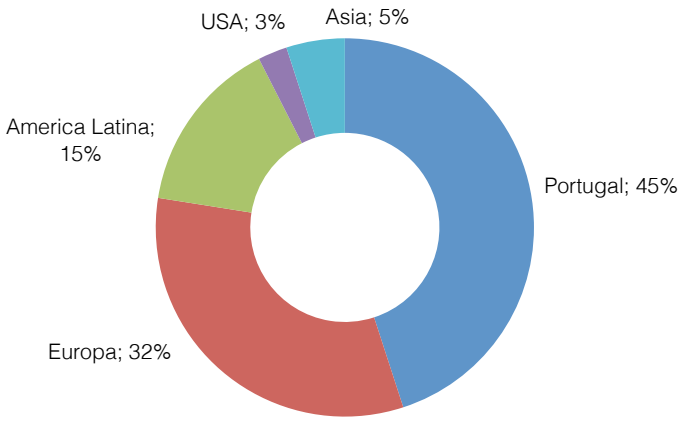
Se fizermos uma comparação das formas de internacionalização mais eficazes para os artistas com as estratégias e ferramentas preferenciais entre os programadores para desenvolver a sua programação, constatamos que estas iniciativas – festivais e plataformas - são importantes, tal como se pode constatar no Gráfico 2, quase tão importantes como a assistência regular a espetáculos e a festivais que não são especialmente dirigidos a si, enquanto público preferencial. Mas é de salientar também a importância das indicações de colegas de profissão, e não menosprezar a investigação levada a cabo por estes profissionais, quer pelo recurso à internet, quer pelo recurso a vídeos.

Gráfico 2. Estratégias/ferramentas preferências dos programadores para conhecer obras e artistas



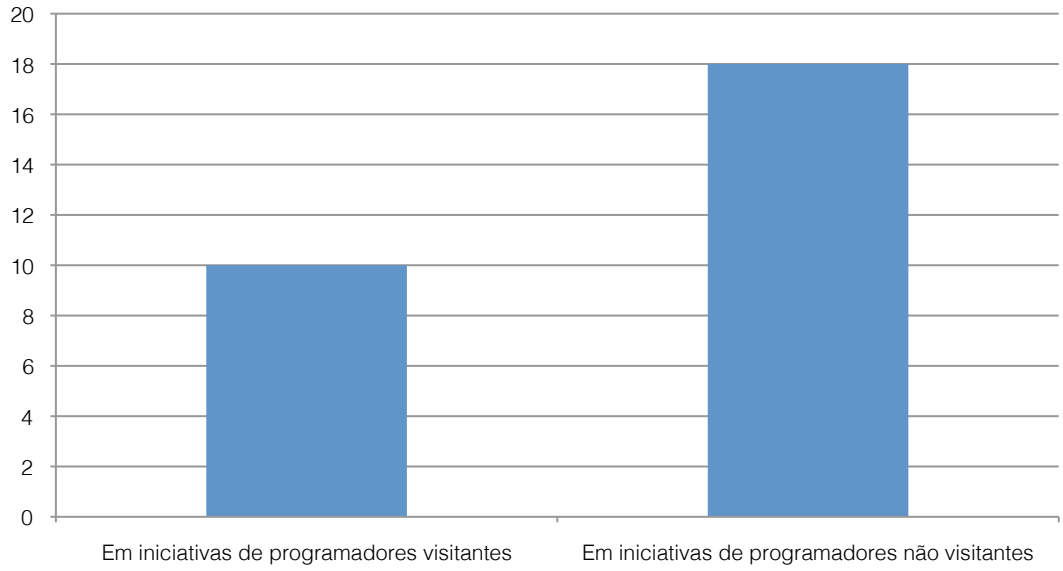
Perguntamos aos artistas quais as plataformas e festivais onde tinham apresentado o seu trabalho nos últimos dois anos e os resultados apontam para 45% de iniciativas localizadas em Portugal - representando a PT - Portuguese Plataform do Performing Arts 17% das respostas e 7% a Semana+ do DDD/Fitei. Os restantes 55% de apresentações foram programadas entre Europa (32%), América Latina (15%), Ásia (5%) e EUA (3%), tal como podemos constatar pelo Gráfico 3.

Gráfico 3. Países onde se apresentaram artistas nos últimos dois anos



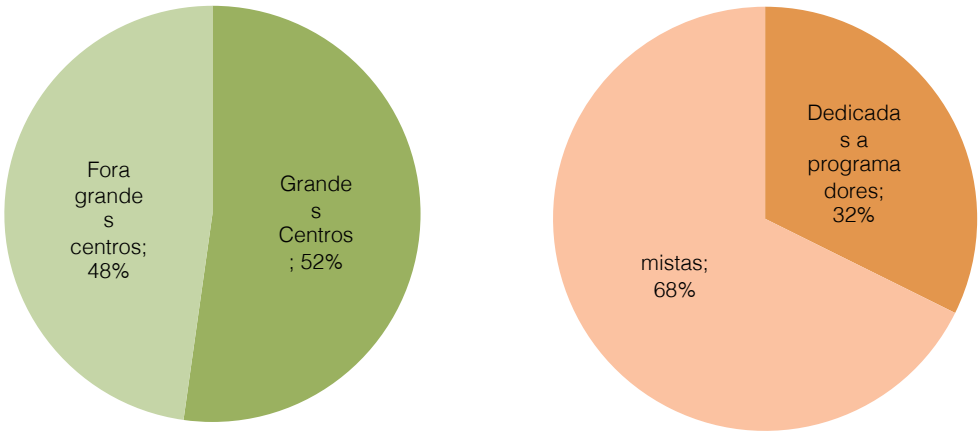
Curiosamente, e tal como se vê pelo gráfico abaixo (Gráfico 4), os locais onde as obras dos artistas nacionais foram apresentadas foi maioritariamente em iniciativas cujos programadores não estiveram presentes em festivais e plataformas portuguesas, apesar de, mesmo assim, estas terem um peso significativo na internacionalização dos trabalhos artísticos (mais de 50%), o que evidencia um dos pontos debatidos, a necessidade de uma equipa para acompanhar a visibilização dada pelos festivais e plataformas.

Gráfico 4. Locais de apresentações



Interessante notar que das iniciativas apontadas e que foram alvo de visita dos programadores visitantes nos últimos dois anos, localizam-se quase equitativamente fora e dentro dos grandes centros urbanos (Gráfico 5), sendo a PT a principal responsável por esta quase equidade e descentralização (25% dos que responderam apontam a PT, seguido da semana + com 15% e alkantara com 9%). Ainda assim, a maior parte dos programadores visitantes prefere deslocar-se a iniciativas onde o público é misto e não só composto de programadores, tal como se pode ver pelos gráficos abaixo. Esta é uma constatação interessante por parte de programadores, da qual podemos deduzir que nestes ambientes também existe uma pressão grande sobre estes profissionais.

Gráfico 5. Localidade e tipo de públicos de iniciativas visitadas por programadores visitantes



Uma das intenções deste questionário era saber se realmente estas iniciativas criam curiosidade nos programadores sobre os artistas aí programados, pelo que perguntamos a este público se tinham encontrado artistas que gostariam de seguir ou programar. Sendo que alguns especificamente disseram que uma ida a estas iniciativas não significa uma programação automática, os resultados são interessantes e apontam para que realmente estas iniciativas permitem uma visibilização dos artistas presentes. Assim, mais uma vez, se ressalta a importância do acompanhamento destes contatos.

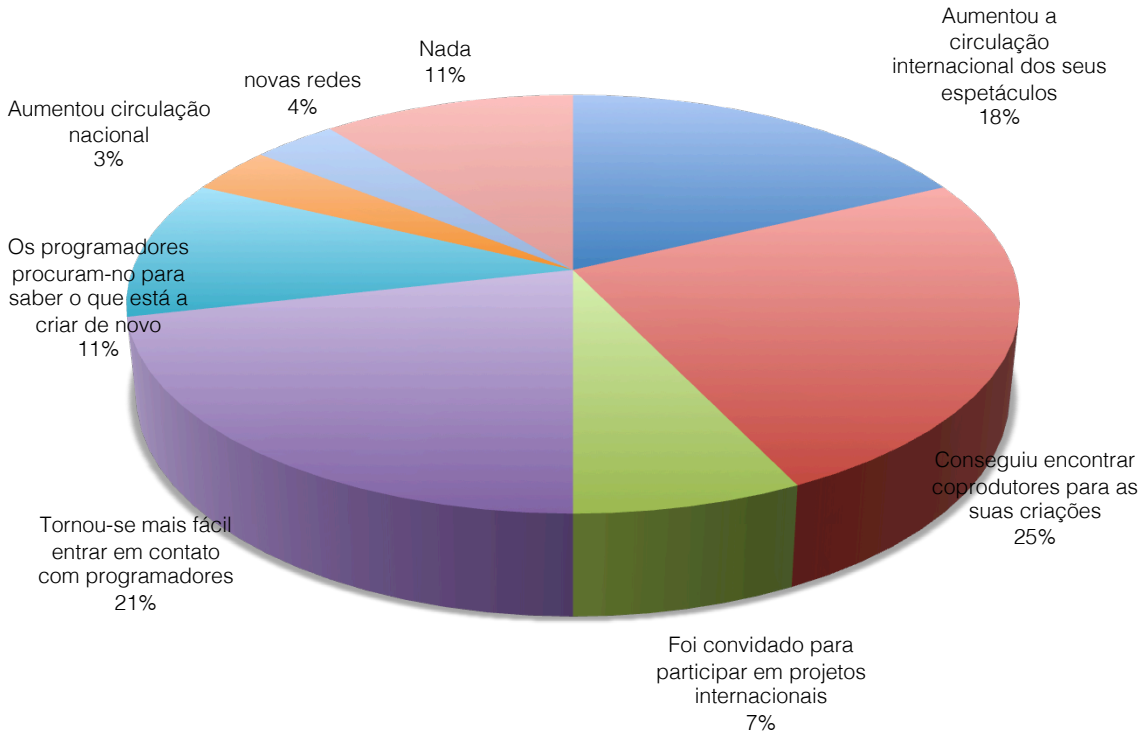
Esta observação, é concordante com as respostas dadas pelos artistas. Quando questionados sobre as consequências da sua participação em festivais e plataformas apontam como a mais importante a capacidade em encontrar coprodutores e de abertura de um canal de diálogo com programadores que até então não existia, sendo que, somente em terceiro lugar, aparece a circulação internacional dos seus trabalhos.

Gráfico 6. Tipo de iniciativa onde programadores conheceram artistas que querem seguir e programar

Nota: Este gráfico pretende apresentar o número de vezes que artistas foram mencionados por programadores. Nesta perspetiva, pretende-se que este gráfico se leia de acordo com a seguinte indicação: programadores mencionaram 70 vezes nomes de artistas integrados em festivais e plataformas, e mencionaram 30 vezes nomes de artistas que, nos últimos 2 anos, não se apresentaram em festivais que trabalham os programadores como um dos seus públicos importantes.

Por parte de produtores presentes no debate, e face a esta necessidade de acompanhamento, foi solicitada que estes sejam apresentados aos próprios programadores durante estes eventos, considerando que muitos são caras desconhecidas, de forma a que seja mais fácil o estabelecimento de comunicações no momento ou a posteriori.

Gráfico 7. Consequência para os artistas da participação em festivais e plataformas



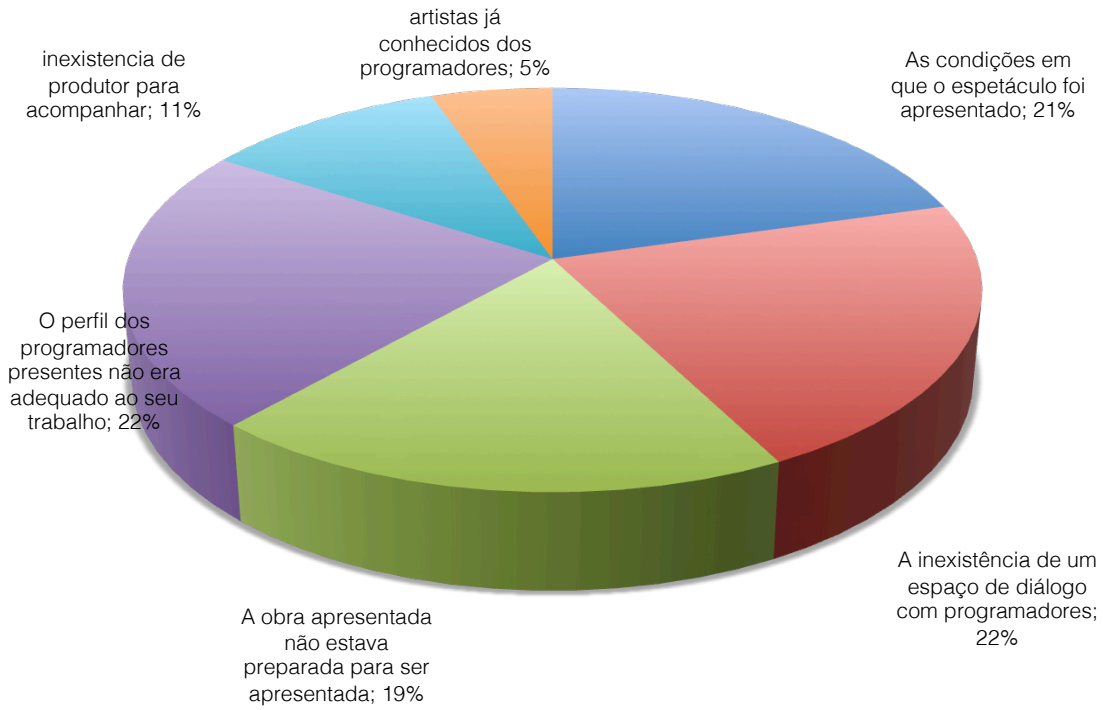
Tal como foi discutido no debate, existe ainda uma falta de preparação para a internacionalização por parte dos artistas nacionais, não por falta de interesse mas por falta de meios. Constata-se, inclusive, que é mais fácil para os artistas circularem a nível nacional, depois de participarem nestas iniciativas, o que leva também a pensar na importância de rever o papel e a formação destes profissionais nacionais que, como alguém mencionou, se podem contar pelas mãos.

A inexistência de uma dinâmica de digressão nacional poderá ser o motivo que faz com que não se desenvolva a mesma a nível internacional ou vice-versa. Da parte de festivais e plataformas, foi também apontada a falta de participação de programadores que venham de outras regiões do país. Assim que aqui fica um ponto relevante para a difusão do trabalho artístico.

Curiosamente, 11% dos artistas afirma que esta visibilização/participação não provocou nenhuma alteração na carreira artística da sua obra, a nível internacional. Como principais fatores para uma ineficácia na internacionalização (Gráfico 8), aponta-se a inexistência de um lugar de diálogo entre artistas e programadores, ao lado de um perfil de visitantes desadequado ao trabalho apresentado, seguido das condições em que o espetáculo foi apresentado. Estas duas últimas constatações

tornam-se interessantes porque revelam a necessidade de diálogo entre artistas e programadores, de forma a proporcionar condições que permitam aos programadores visitantes entender o trabalho na sua amplitude mas também de entender (por ambas as partes) se aquele trabalho é o adequado, naquele momento, para ser apresentado naquele contexto.

Gráfico 8. Motivos que não permitem a internacionalização do trabalho do artista



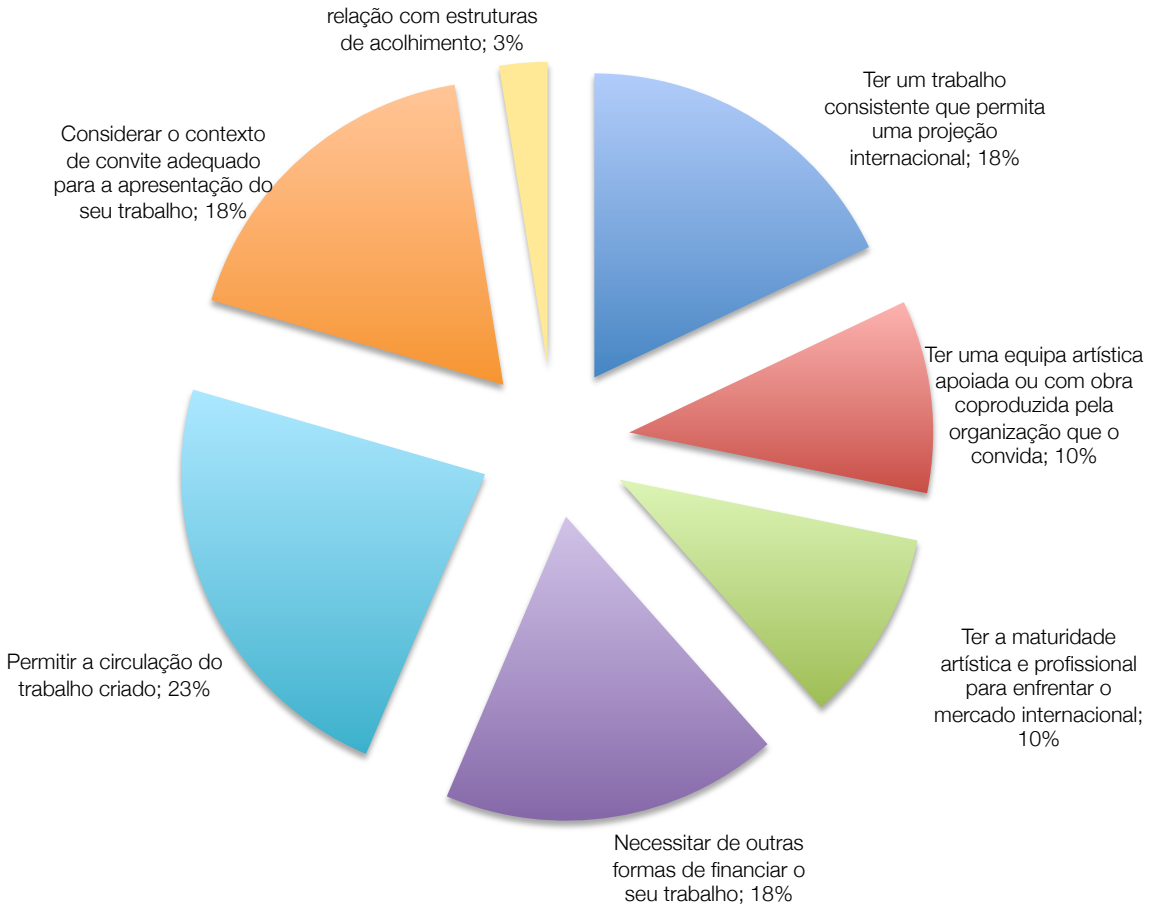
Nota: Esta pergunta foi respondida por todos os questionados

À pergunta sobre quais os critérios que levam os artistas a aceitar a participação neste tipo de iniciativas, torna-se mais interessante, quando cruzado com as respostas dadas acima. Entendidas prioritariamente como formas de poder fazer circular o seu trabalho artístico (ver gráfico 9), são também formas de se financiar. No entanto, é de sublinhar que os artistas consideram importante participar nestas iniciativas se consideram que o seu trabalho tem a maturidade e consistência para uma projeção internacional, assim como se o contexto de apresentação é o mais adequado para as suas obras. Curiosamente e com valor residual porque apresentada como outra opção, foi também considerada importante a relação que se estabelece com as estruturas de acolhimento.

No debate foi discutida a importância de aprofundamento de relações entre artista e programador, por um lado, e a falta de interesse numa deslocação a festivais

sem uma interação com o contexto, o que nos faz deduzir que a venda de espetáculos é uma desculpa para que se possam desenvolver outras relações e que se pode gerar mais daí, tal como foi mencionado. Abordaremos esta questão mais à frente.

Gráfico 9. Critérios que levam os artistas a participar em plataformas e festivais

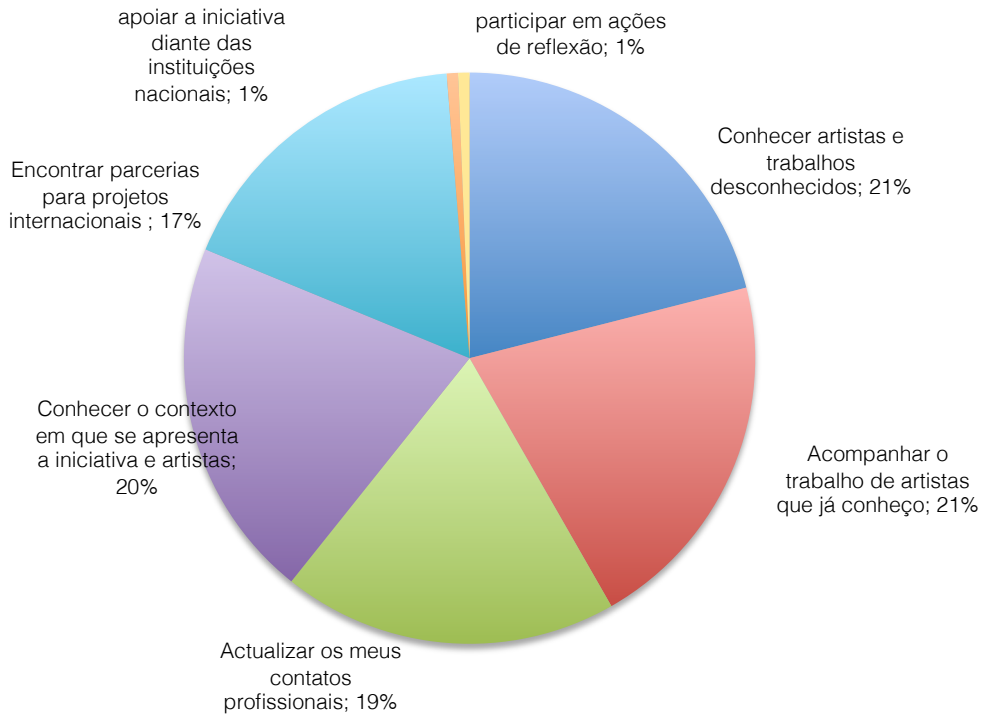


Durante o debate foram dados exemplos de estratégias de internacionalização com resultados positivos que acontecem pela existência de um trabalho de campo de relações públicas e administrativo muito profundo, ao qual o artista só pode dar vazão se tem uma equipa de retaguarda ou se tem um só foco de trabalho.

Por outro lado, interessa-nos também saber quais são os motivos que levam os programadores a deslocar-se a estas iniciativas. Os dois principais motivos apontados, tal como se constata pelo Gráfico 10, é conhecer novos artistas mas também acompanhar o trabalho de artistas já conhecidos e, quase igualmente importante, conhecer os contextos em que se desenvolvem as criações. No entanto, aproveitam estas iniciativas para atualizar os contatos profissionais e para

encontrar parcerias em projetos internacionais. Podemos, assim, deduzir que estas deslocações são aproveitadas para juntar várias necessidades por parte dos programadores e, como tal, devem ser aproveitadas também pelos artistas para conhecer melhor as estruturas e programadores visitantes destas iniciativas.
Mencionado também como outras razões para estas deslocações a necessidade de apoiar estas iniciativas frente às instituições governamentais e de encontrar espaços de reflexão e de encontro de ideias entre estes profissionais.

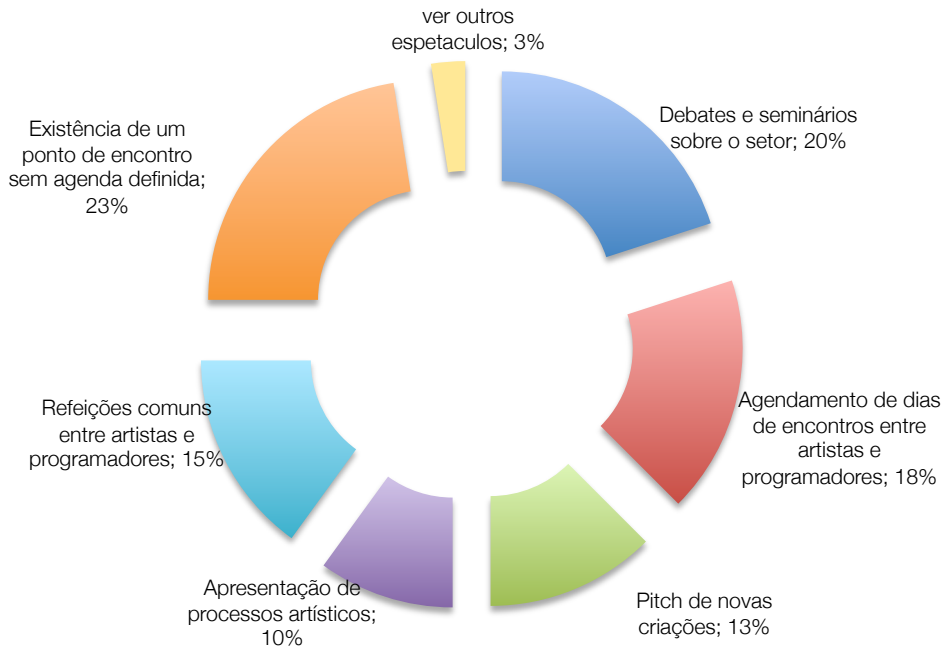
Gráfico 10. Objetivos dos programadores na deslocação a festivais e plataformas



Diante das dificuldades apontadas pelos artistas para a internacionalização e face aos objetivos dos programadores na participação nestas iniciativas, torna-se interessante cruzar as respostas acima dadas com a pergunta feita aos artistas sobre o que poderia ajudar ao impulso da internacionalização do seu trabalho, para além da simples apresentação das suas obras. Foi destacado, tal como se constata pelo gráfico 11, a importância de espaços de encontro sem agendas definidas, de debates e seminários sobre o setor, seguido, de muito perto, do agendamento de dias de encontros entre artistas e programadores. Dentro daquilo que foi destacado como importante para os programadores, podemos dizer que existem vontades coincidentes, considerando que 20% dos respondentes mencionam a vontade de conhecer o contexto de criação, para além de aproveitarem estes momentos para outras atividades de igual importância para o seu trabalho. Assim, podemos deduzir que existe uma necessidade de criação de

espaços onde seja possível conhecer as pessoas, para além dos seus trabalhos, proporcionar momentos onde se possam debater assuntos que podem interessar a todos, estabelecendo encontros para além do conhecimento puro e duro da obra vista no teatro.

Gráfico 11. Atividades que os artistas consideram que ajudam a internacionalização do seu trabalho



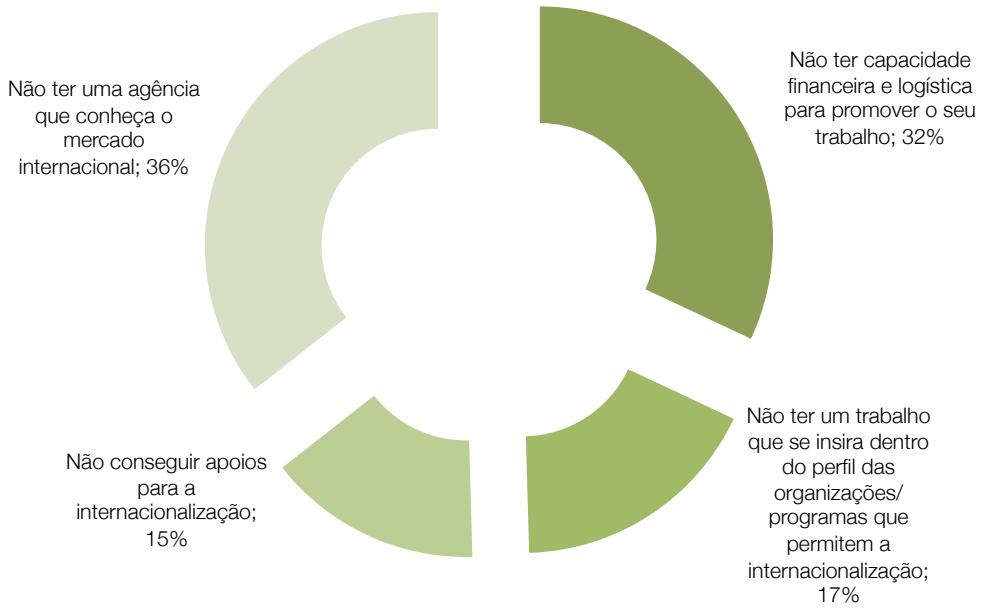
Durante o debate foi confirmada a importância de abrir espaços para que conversas e conhecimento mais aprofundado entre artistas e programadores possa tomar lugar. Se existe uma constatação de que estas deslocações servem também outros propósitos, aponta-se como pista para um desenvolvimento de relações internacionais, a existência de espaços onde seja possível desenvolver e trocar ideias entre os participantes (artistas, programadores e produtores).

Ainda assim, consideramos também importante entender o que pode dificultar a internacionalização das suas criações, sendo destacado, por parte dos artistas, a inexistência de agentes que entendam o mercado internacional, seguido, de perto, pela sua incapacidade financeira e logística para dar seguimento aos momentos de visibilidade que permitem estas iniciativas, como se constata pelo gráfico 12.

Tal como discutido no debate, se em Portugal a figura do agente nas artes performativas é praticamente inexistente, tendo desaparecido aquelas que existiam

por falta de sustentabilidade, esta figura é substituída por produtores que assumem também o papel de difusão nas estruturas que conseguem ter um produtor. Muitos dos artistas mencionaram agentes com conhecimento do mercado internacional mas que se encontram fora de Portugal, cobrando avenças insustentáveis para os padrões portugueses.

Gráfico 12. Dificuldades sentidas pelos artistas na internacionalização do trabalho



Mencionou-se a importância de incluir neste debate os produtores que têm desenvolvido por si um trabalho de apoio à criação e difusão, mas que acabam por deixar de existir por falta de apoios governamentais a estruturas de difusão que, como tal, têm que encontrar outras estratégias que permitam obter apoio para o desenvolvimento do trabalho de difusão.

Na impossibilidade de reunir informação representativa sobre o primeiro questionário, aproveitei a presença de estruturas de carácter internacional no debate para que os próprios possam explicar quais as estratégias que usam para poder seleccionar uma programação, pensando na internacionalização da arte portuguesa. As respostas possíveis vieram da parte da PT (Rui Horta), alkantara (Carla Nobre e David Cabecinha) e de Teatro Nacional D. Maria II (Tiago Rodrigues e Magda Bizarro). Nestes 3 casos muito distintos, é percetível as diferenças

estratégicas entre as várias iniciativas e como se têm debatido para chegar ao modelo mais adequado.

Enquanto que a PT tem trabalho para diminuir o volume de apresentações para dar espaço ao convívio mais aprofundado entre artistas e programadores, fator que foi mencionado como importante por parte dos artistas e também dos programadores visitantes, o alkantara desenvolve uma programação pensada para a cidade e de acordo com o que considera artistas interessantes para o festival, pensando na agregação de artistas de uma forma interessante para o programadores, depois de encerrado o programa, o que demonstra um conhecimento sobre as preferências dos programadores, de acordo com as respostas dadas pelos mesmos. O TNDMII, não tendo uma iniciativa como um festival, faz parte de várias redes internacionais e, nesse sentido, tem promovido muitas reuniões entre parceiros em Portugal, permitindo que os mesmos possam assistir a várias produções no teatro ou fora.

Há, no entanto, por parte destas organizações, o reconhecimento da falta de capacidade de acompanhamento dos artistas fora destas iniciativas. Ainda que estejam disponíveis para aconselhar sobre estratégias a seguir, não têm o perfil para tal e não existe uma capacidade financeira e logística de acompanhar uma carreira internacional dos artistas que programam. Alkantara assume o seu papel de apoio a alguns artistas associados mas é a única organização das presentes que o faz.

Mencionou-se a importância do Teatro Rivoli nessa área, cujos artistas associados têm acesso a uma rede de contatos que facilita o seu trabalho de difusão nacional e internacional, no entanto, não existe um consenso entre os presentes sobre a ética deste papel por parte de entidades com ligações governamentais. Muitos chamam a atenção para o facto de que, enquanto estruturas com conexoes ao Governo (central ou local), devem considerar a distribuição de meios de apoio à criação nacional: assumir a existência de artistas associados, em estruturas com muito mais meios, significa uma incorreta distribuição de apoios à criação nacional, sendo dadas mais oportunidades aos artistas associados em detrimento de outros, quando a sua função é apoiar de forma equilibrada a produção nacional. Esta é também uma pista a considerar: a questão ética de quem deve promover a difusão e os meios desiquilibrados que existem entre estruturas governamentais e não-governamentais para o fazer.

Dentro do trabalho de internacionalização, há um reconhecimento da necessidade de separar o trabalho de internacionalização do de cooperação. Enquanto que por um lado se pode pensar na possibilidade de internacionalização no sentido mais capitalista possível, isto é, considerar a necessidade “extrativista” dessa atividade: vender para ter capital; por outro lado é importante pensar que a

internacionalização pode significar estabelecer uma relação de colaboração, especificamente em territórios, países ou continentes onde os apoios locais são diminutos e a vontade de colaboração grande. A possibilidade de se pensar que internacionalização não significa somente venda de obras é importante para o setor.

Conclusões e pistas

Dos questionários e debate surgiram pontos interessantes que merecem ser trabalhados com mais cuidado, quer pelas entidades que promovem iniciativas de internacionalização, quer pelas estruturas governamentais, quer por parte dos artistas.

1. As iniciativas de carácter internacional como festivais e plataformas são, de fato, um espaço de visibilização dos artistas portugueses que abrem as portas à circulação e à possibilidade de relações mais profundas com programadores, no entanto, necessitam de um seguimento porque muitas vezes não têm resultados imediatos.

2. Os festivais e plataformas portugueses não têm a capacidade nem o perfil que lhes permita um apoio à internacionalização dos artistas que programam, a não ser que parte do seu orçamento seja alocado a esta atividade. Alkantara avançou com o desafio de se diminuir o número de convites feito a programadores estrangeiros para ter uma pessoa que possa apoiar os artistas no potencial de internacionalização que saia destas iniciativas. Poderia ser um exemplo a seguir por outras iniciativas.

3. Existe nestas iniciativas uma falta de espaços de conhecimento informal entre artistas, produtores e programadores onde se possam conhecer e entender as empatias, falar de projetos e entender a possibilidade de trabalhar em conjunto. Fica a sugestão para a organização de encontros internacionais onde programadores e artistas possam estar juntos para falar/trabalhar juntos os seus projetos.

4. A integração de artistas dentro de estruturas com um caráter internacional permite um desenvolvimento estratégico da internacionalização desses artistas, no entanto é necessário considerar os limites éticos deste ato, por parte de estruturas com ligações governamentais.

5. Existe falta de acesso, por parte de artistas e seus produtores, à rede de contatos que lhes permitam dar seguimento aos contatos efetuados, pelo que se sugere que esta lista possa ser partilhada entre os profissionais do setor presentes na iniciativa, para além dos próprios programadores. Tal como acontece em outros festivais, sugere-se que se pergunte aos próprios programadores visitantes se podem facilitar esses contatos aos artistas que se apresentaram.

6. As redes internacionais são um fator importante para a internacionalização se estas tiverem uma relação forte entre os dois lados: programação e criação, isto é, é importante que os artistas reconheçam a necessidade de trabalho inerente a essa participação por um lado e, por outro lado, que as estruturas dentro de redes, possam dar acompanhamento aos artistas integrados nas mesmas.

7. Existe uma falta de apoio a estruturas de difusão. Sem apoio, não há pessoas interessadas em trabalhar à percentagem e em desenvolver um trabalho de difusão de artistas. Por outro lado, os agentes que existem são estrangeiros e cobram uma avença que os artistas nacionais não conseguem cobrir.

8. Considera-se importante a existência de embaixadores – à falta de possibilidade de agentes – que possam promover os criadores nacionais nos circuitos mais corretos para ambos os lados: criação e programação. Portanto, uma vez mais, é importante um pensamento estratégico e a existência de espaços de diálogo entre programação e criação. Isto só se faz com um conhecimento grande do mercado nacional e internacional.

9. Existem dois tipo de internacionalização:
a) Extrativista – com um fim comercial puro e duro
b) Cooperativista ou de colaboração – onde um artista se desloca e pensa a sua deslocação de uma forma mais efetiva para o seu trabalho e o trabalho no território a visitar, podendo desenvolver atividades em conjunto com o contexto, para além da pura apresentação e, especialmente, em colaboração com estruturas que não têm a capacidade de pagar os serviços do artista.
Portanto, considera-se necessário sair da lógica de mercado e desenvolver relações mais fortes com os programadores e seu contexto. As políticas de apoio à internacionalização não consideram os aspetos circundantes da mesma e as oportunidades que podem surgir quando estas relações são mais profundas e podem trabalhar sinergicamente com o contexto.

10. Existe um perfil para o artista que se exporta: preferencialmente solteiro e sem necessidades familiares. Isto leva-nos a pensar que os artistas com compromissos na vida pessoal, necessitam de um apoio maior do que os artistas com o perfil procurado.

11. A internacionalização é uma alternativa à circulação nacional. Desde o Porto, é mais fácil chegar a Bruxelas que a Lisboa, onde não há lugar para ser apresentado. Por outro lado, a inexistência de uma rede de profissionais nacionais (contam-se pelos dedos) nos teatros fora de Lisboa e Porto, não permite o correto desenvolvimento de uma estratégia de circulação nacional. Sugere-se começar a pensar numa formação profunda, junto com as autarquias e os profissionais para preencher lugares que devem ter um programador e/ou diretor artístico, especificamente considerando o projeto de redes de cine-teatros.

12. O aconselhamento jurídico é importante e já existe no pólo das Gaivotas que, apesar de priveligiar os artistas locais, está disponível para estender a sua assessoria ao resto do país, por consciência da inexistência deste serviço. Assim que seria importante tomar o exemplo da autarquia de Lisboa para estender este serviço a nível nacional.

13. Finalmente, mas não menos importante, mencionou-se a importância de se pensar na pegada de carbono que implica a internacionalização. Sugere-se um pensamento sobre o significado de mobilização, quer por parte dos artistas, quer por parte dos programadores, nomeadamente através de deslocações mais lentas e mais eficazes – pensar no que se pode levar e trazer do contexto para onde se viaja, fazê-lo com mais tempo e mais profundidade, fazê-lo em comboio, em vez de avião, racionalizar e tornar afetiva a internacionalização.

Nota final

Esteve presente um elemento das Atividades Artísticas e Culturais da Fundação Calouste Gulbekian que demonstrou interesse em recolher informação sobre como esta organização pode melhorar os seus apoios à internacionalização do setor, tendo sido dadas algumas indicações interessantes, nomeadamente:

a) Que o concurso de apoio à internacionalização não tenha uma data limite de pedido, tendo em conta que muitos destinos onde é mais importante este apoio conseguem reunir as condições de sua execução poucos meses antes de se realizarem;

b) Que este concurso permita o apoio à deslocação de outros profissionais das artes, para além de artistas e cujos objetivos sejam os de estabelecer contatos para futuras relações de colaboração entre estruturas e organizações

§ - ressalva de que esta possibilidade não retire o montante de apoio existente aos artistas

c) Que se considere como internacionalização outras atividades profissionais, para além da apresentação de espetáculos, nomeadamente, workshops, participação

em conferências, residências, coachings e outras atividades com menor visibilidade mas igualmente importantes para o desenvolvimento profissional;
d) Que este concurso permita cobrir custos de cachet dos artistas nacionais e não somente as deslocações e perdiems, considerando que é mais fácil em alguns destinos e para algumas organizações de acolhimento obter apoio para alojamento e perdiems, mas não para cachet.